

A SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL EM JACOBINA (BA)

Letícia Barbosa Santos[1]
Antonio Muniz Souza Filho[2]

Palavras-chave: Cidade; Desigualdade Socioespacial; Espaço Urbano.

INTRODUÇÃO

Os estudos territoriais sobre o espaço urbano nas cidades brasileiras têm se expandido no mesmo ritmo que o crescimento dessas cidades, permitindo a análise das transformações socioespaciais ocorridas no meio urbano nos últimos anos. Esse processo é caracterizado pela rápida expansão urbana e pela distribuição desigual da infraestrutura básica de serviços públicos nas novas áreas, a segregação socioespacial surge como marca do crescimento desordenado e o processo de gentrificação. A cidade de Jacobina (BA), ilustra as dinâmicas de crescimento desordenado, bem como, a segregação socioespacial, já que que passou por um rápido processo de urbanização devido à exploração mineral, experimentou uma migração em massa e uma expansão territorial sem a devida estruturação urbana.

O direito à cidade, segundo Harvey (2014.p.29) é muito mais do que a liberdade individual de acesso aos recursos urbanos: é um direito de mudar a nós mesmos ao mudar a cidade. Ou seja, a cidade não somente é o espaço coletivo onde se reproduz a vida urbana, mas também onde se reproduzem as relações sociais de dominação.

O presente estudo tem como objetivo analisar os processos de produção do espaço urbano e os impactos da segregação socioespacial na cidade de Jacobina, localizada no interior da Bahia. Considerando o papel estratégico que as cidades médias desempenham na rede urbana

[1] Graduanda em Urbanismo pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB), Campus I e membro do grupo de pesquisa Território (Rede, Ação e Política)
[2] Professor Adjunto UNEB.Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (PROET) e do Grupo de Pesquisa TERRITÓRIOS (Rede, Ação e Política).

.

brasileira, o trabalho busca compreender como as transformações urbanas ocorridas ao longo do tempo, impulsionadas por ciclos econômicos e pela atuação do Estado, têm contribuído para a configuração de uma urbanização desigual, marcada por profundas assimetrias no acesso à infraestrutura e aos serviços urbanos.

METODOLOGIA

A pesquisa é de caráter qualitativo, com base em uma revisão bibliográfica fundamentada em autores clássicos e contemporâneos que discutem a produção do espaço urbano, a lógica capitalista da urbanização e os processos de segregação socioespacial. A metodologia utilizada foi a análise documental, feita a partir de dados secundários provenientes de fontes oficiais como o IBGE, além de, estudos acadêmicos.

Os procedimentos metodológicos permitirão a compreensão de como ocorrem os processos e as práticas espaciais responsáveis pela segregação socioespacial urbana de Jacobina. O estudo se fundamentará em uma base teórica, dialogando com autores como David Harvey, Henry Lefebvre, Maria Encarnação B. Sposito, Roberto L. Corrêa entre outros, a fim de compreender o papel dos agentes sociais e processos espaciais, na dinâmica urbana de Jacobina.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A cidade não é um objeto fixo e imutável. Ela é uma prática, um processo. O espaço urbano é o resultado da luta cotidiana de quem o ocupa, modifica e transforma (LEFEBVRE, 1991, p.119). Para o autor, a cidade não pode ser entendida como um cenário ou um espaço físico preexistente, mas um campo de disputas e práticas sociais. A cidade está em constante transformação, não apenas devido às intervenções planejadas pelas autoridades públicas ou pelo mercado imobiliário, mas também por meio das práticas cotidianas dos habitantes.

Sob a lógica capitalista o espaço urbano, passa a ser entendido como mercadoria não apenas como lugar de moradia, convivência ou reprodução da vida social. A cidade torna-se palco de uma intensa disputa entre o valor de uso do espaço e o valor de troca. Isso gera desigualdade socioespacial, uma vez que os grupos mais vulneráveis são frequentemente empurrados para áreas periféricas, com menos infraestrutura e serviços.
Ana Fani Alessandri Carlos (2011) compreende que o espaço não é apenas um palco onde a sociedade atua, mas sim um produto histórico-social construído a partir das relações sociais, econômicas, políticas e culturais. Henri Lefebvre (1991**)** por sua vez, argumenta que o espaço é uma construção coletiva, carregada de intencionalidades, conflitos e contradições. O espaço, portanto, se torna uma mercadoria, ou seja, um bem passível de apropriação, troca e exploração econômica dentro da lógica capitalista.
O processo da segregação socioespacial de Jacobina, está diretamente ligado ao rápido processo de urbanização oriundo da atividade aurífera. O ciclo aurífero foi o principal motor do povoamento inicial da região, contribuindo para a formação dos primeiros núcleos urbanos, o desenvolvimento da infraestrutura e o crescimento populacional. Esse crescimento exacerbado favoreceu a criação de enclaves econômicos, os quais estão diretamente ao processo de gentrificação e a segregação socioespacial.

Segundo Corrêa (2011), o espaço urbano não é resultado de forças abstratas ou de um suposto equilíbrio automático entre oferta e demanda, mas sim da ação de agentes sociais concretos, com interesses específicos e estratégias territoriais próprias. Destacando o papel de atores como o Estado, o mercado imobiliário, as empresas de infraestrutura e a própria população na configuração do espaço urbano.

Já Flávio Villaça, ao analisar a cidade brasileira, enfatiza que o espaço urbano é historicamente marcado pela segregação socioespacial, que não ocorre de forma aleatória, mas responde a uma lógica perversa de valorização do solo urbano e concentração de infraestrutura em áreas de interesse do capital. Para ele, a cidade é produzida de forma desigual, de modo a favorecer as classes dominantes e marginalizar os mais pobres, que são empurrados para áreas periféricas e precárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade de Jacobina revela com clareza a dinâmica do processo de segregação socioespacial. A urbanização acelerada, impulsionada pela atividade aurífera e pela posterior reestruturação econômica baseada na mineração, gerou um processo urbano excludente. O crescimento populacional e a expansão da malha urbana não foram acompanhados por políticas públicas eficazes de planejamento e inclusão, o que favoreceu a criação de enclaves econômicos e a intensificação da segregação socioespacial.

O estudo tem como objetivo analisar as consequências desse modelo e promover uma reflexão crítica sobre seus efeitos no espaço urbano com base nos conceitos de produção do espaço urbano e segregação socioespacial dialogando com autores como David Harvey, Henry Lefebvre, Milton Santos, Roberto L. Corrêa entre outros, a fim de compreender o papel dos agentes sociais e processos espaciais, na dinâmica urbana de Jacobina.

Diante do exposto, a pesquisa permite entender que a segregação socioespacial não é uma consequência inevitável do crescimento urbano, mas sim o resultado de decisões políticas, econômicas e sociais. A superação dessas desigualdades requer um olhar crítico sobre o processo de urbanização, bem como políticas públicas comprometidas com a justiça socioespacial e o direito à cidade para todos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Fani; CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios.* São Paulo: Contexto, 2022.

BESSA, Kelly Cristine. Reestruturação da rede urbana brasileira e cidades médias: o exemplo de Uberlândia (MG). *Caminhos de Geografia*, Uberlândia, v. 6, n. 16, p. 268–288, 2005.

BESSA, Tatiana. Cidade média: uma abordagem geográfica. In: **SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão** (org.). *Cidade média: entre o local e o global.* São Paulo: Expressão Popular, 2005. p. 101–120.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo.* São Paulo: Contexto, 2011.

HARVEY, David. *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana.* São Paulo: Martins Fontes, 2014.

LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço.* 2. ed. Tradução de Doralice Sá Rego. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SANTOS, Milton. A urbanização desigual. São Paulo: Hucitec, 1996.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *Cidades médias: espaços em transição.* São Paulo: Expressão Popular, 2007.

VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra-urbano no Brasil.* São Paulo: Studio Nobel; FAPESP; Lincoln Institute of Land Policy, 2001.